

Desporto e análise social

António da Silva Costa

INTRODUÇÃO: DESPORTO, ESPELHO DA SOCIEDADE

O desporto é um fenómeno humano tão ligado à origem, às estruturas e ao funcionamento da sociedade que nós poderemos afirmar que é possível analisar qualquer sociedade através dos desportos que ela pratica. E, sendo o fenómeno ludodesportivo um fenómeno trans-histórico, cujas origens se situam nos primórdios da cultura humana e precedeu talvez mesmo todo e qualquer tipo de organização social, será legítimo aceitar que, no fundo, a história de qualquer povo é a história dos seus jogos. «Parece impossível imaginar, pensa G. Gusdorf, que se possa um dia descobrir um grupo humano na existência do qual a actividade do jogo estaria totalmente ausente. Os jogos são constantes da cultura, cujas formas podem variar numa área cultural para outra. Mas, para além desta diversidade infinita, a universalidade do jogo designa-o como um elemento fundamental da condição humana»¹.

Por um lado, o fenómeno ludodesportivo está profundamente ligado à sociedade e, como facto social total de natureza e funcionamento simbólicos, e capaz dos mais diversos investimentos sociais; por outro lado, é um fenómeno humano estreitamente ligado ao mito, à religião e à cultura. Assim, o universo desportivo é um excelente campo de observação da sociedade, onde podemos encontrar elementos para estruturar modelos ideais de análise social, e pode servir também para nos ajudar a descobrir formas de pensamento e modelos de acção através dos quais nós compreenderemos melhor o sentido da existência do homem e da sua integração na comunidade humana e pressentir muitas das aspirações que povoam o nosso imaginário colectivo e que muitas vezes não conseguem ultrapassar as barreiras do inconsciente.

¹ G. GUSDORF, «*L'esprit des jeux*», in *Jeux et Sports*, Encyclopédie de la Pléiade, Tours, Gallimard, 1967, p. 1157.

Assim, um estudo do fenómeno desportivo, situado no campo da sociologia, mas próximo das fronteiras da antropologia, afigura-se-nos de grande interesse, não só para compreendermos a sociedade, mas também para avançarmos na compreensão do homem, da sua missão social e da sua vocação à realização dum destino orientado para o transcendente.

I. O DESPORTO MODERNO, PRODUTO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

«O desporto contemporâneo nasceu na Europa, na 2.^a metade do século XIX, com as regras e as instituições que conduziram os jogos físicos tradicionais do ritual ao recorde»².

O recorde parece ser, de facto, o símbolo fundamental do desporto moderno de alia competição. A obsessão na busca contínua de novos recordes é um dado que distingue os desportos modernos dos desportos greco-romanos ou medievais. Trata-se duma consequência da evolução do desporto e da sua integração numa sociedade que exalta a eficácia, o rendimento e o progresso.

O desporto moderno nasceu com a sociedade capitalista industrial, sociedade centrada sobre o tríplice princípio que acabámos de enunciar. E por isso que este desporto começou a ser visto, e mesmo por muitos definido explicitamente, enquanto organização do corpo como máquina humana de rendimento desportivo ou enquanto ciência experimental do rendimento corporal. Se o desporto antigo era praticado como uma espécie de culto do corpo, o desporto moderno bem depressa se tomou num culto do progresso. Como afirma J. M. Brohm, a história do desporto começa a ser concebida explicitamente como uma mitologia da ascensão ininterrupta em direcção ao melhor: Citius, Altius, Fortius. Segundo este autor, é este espírito novo, de tipo industrial, que reflecte todas as categorias centrais do modo capitalista de produção e as integra sob o princípio do rendimento e que lança o corpo humano numa corrida fantástica para uma proeza ainda não realizada³.

Sendo um produto da sociedade industrial, o desporto moderno reproduz, por seu lado, a imagem desta mesma sociedade, com o seu tipo de funcionamento, com as suas crises e contradições e também com os seus sonhos e suas esperanças.

² R. THOMAS, A. HAUMONT, J. L. LEVET, *Sociologie du Sport*, Paris, Presses Universitaires de France, 1987, p. 9.

³ J. M. BROHM, *Sociologie Politique du Sport*, Paris, Ed. J. P. Delarge, 1976, p. 46.

Como o rendimento é o princípio-base da sociedade industrial, podemos também afirmar que este princípio constitui o motor e a alma do sistema desportivo moderno. Com o princípio de rendimento como centro de gravidade, o desporto moderno pode ser considerado uma representação simbólica da sociedade industrial que funciona na lógica da concorrência, da produção, da maior eficácia e dum progresso que se quer ininterrupto. Segundo J. M. Brohm, o desporto moderno seria mesmo uma materialização abstracta do rendimento corporal, uma espécie de modelo de abstracção da sociedade industrial. Por outras palavras, o desporto actual, seria uma espécie de forma abstracta da tecnologia corporal centrada sobre o rendimento, embora enxertada nas formas lúdicas e utilizando os exercícios físicos competitivos como meio de expressão ⁴. Aliás isto é compreensível, pois o desporto moderno, tendo nascido com a sociedade capitalista industrial, é praticamente inseparável das suas estruturas e do seu funcionamento.

A estreita ligação deste fenómeno cultural, que é o desporto, às estruturas e funcionamento da sociedade industrial pode ser um ponto de partida eficaz para uma interessante análise social. Vamos tentar uma pequena reflexão sobre as relações entre a cultura industrial e a cultura lúdica, embora saibamos que o ludismo está em crise no desporto moderno. Contudo, embora muitas vezes bem camuflado, o ludismo conserva vestígios no universo desportivo moderno e uma reflexão atenta pode ajudar-nos a descobrir o valor social e mesmo a riqueza antropológica deste fenómeno humano, tão antigo como a sociedade e cuja extensão tem carácter verdadeiramente planetário.

2. CULTURA LÚDICA E CULTURA INDUSTRIAL: TENSÕES E AFINIDADES

Analisando os ritos desportivos, com o drama que representam, com a festa que instauram e com a sua ligação ao mundo heróico e maravilhoso, somos levados a aceitar que eles constituem, no fundo, uma certa experiência de tipo religioso no interior da nossa cultura industrial. Mas, se quisermos colocar o problema da ligação entre a comunicação simbólica, de tipo festivo e dramático, onde se desenrola um jogo antagónico, e a cultura industrial, à primeira vista notamos uma grande dissonância entre esta cultura industrial e a cultura lúdica.

Certos autores, nomeadamente os que são condicionados pelo pensamento marxista, afirmam que o desporto provoca tanto mais entu-

⁴ J. M. BROHM, *Op. cit.*, pp. 25-34.

siasmo quanto mais ele se apresenta como um mecanismo de compensação. Na medida em que, na vida real não conseguimos dominar nada, vamos tentar, embora de maneira ilusória, exaltar-nos e encontrar satisfação em coisas que, finalmente, não têm grande significação.

Efectivamente há qualquer coisa que parece verdadeira nesta hipótese marxista. No futebol, por exemplo, há objectivos, há desafios, mas, para as massas populares, tudo isto parece sem conexão objectiva com a vida social habitual. Em séculos passados, havia, na sociedade, uma ligação estreita entre a vida quotidiana e a exaltação festiva, entre o secular e o religioso. Esses laços parecem hoje muito menos visíveis. No entanto, o funcionamento ritual e festivo do desporto e o seu impacto, por vezes misterioso, sobre as populações mostram-nos que essa dependência continua a existir. Poderíamos mesmo falar de uma metamorfose ou camuflagem do sagrado no interior da cultura industrial. Mas não será possível encontrar uma relação clara entre a cultura lúdica e a cultura industrial?

Antes de mais nada, no desporto moderno, há exaltação duma sociedade que funciona à base duma competição que leva à selecção dos melhores. E, no desporto, este processo apresenta-se como justo e aceitável, na medida em que se apoia, em princípio, no mérito pessoal e defende para todos as mesmas possibilidades. Todos podem ganhar e chegar ao cimo da hierarquia.

Em seguida, verificamos que se trata duma competição aberta. Todos podem participar. No caso do futebol, há mesmo uma abertura internacional impressionante: as regras do jogo são as mesmas no mundo inteiro. E as competições internacionais estão mesmo muito à frente dos intercâmbios reais. Neste universo desportivo, há um intercâmbio simbólico que, longe de ser um mero substituto da realidade, se encontra em avanço sobre os intercâmbios reais a que aspira a sociedade actual. Esta sociedade sonha com uma universalidade, mas não a tem conseguido concretizar tão bem como ao nível simbólico através das competições desportivas. Basta apenas citar o exemplo dum campeonato do mundo de futebol.

Finalmente, e isto é particularmente visível no caso do futebol, o desporto permite desenvolver, a nível local e nacional, uma identidade marcada por um certo orgulho. Pensemos no caso de Portugal, quando as suas equipas nacionais realizam proezas que causam admiração no mundo inteiro, como aconteceu com os nossos jovens que, recentemente, se tornaram, por duas vezes, campeões mundiais. E em Riade, os portugueses eliminaram mesmo os brasileiros, favoritos da competição. Isto mostra-nos que o jogo não está feito de antemão. Na representação lúdica, o drama é construído no momento da sua repre-

sentação. Até os actores desconhecem o desfecho do drama que representam.

Como modelo simbólico, o futebol propõe-nos uma situação que é o inverso duma leitura marxista da história. Fala-nos duma história que funciona sobre base dum semi-aleatório. Há certamente os mais fortes e os mais fracos. Mas o jogo cultiva a incerteza final. Assim, a história, longe de ser construída de antemão, depende, ao menos em parte, do que nós formos capazes de fazer.

O futebol funciona na sociedade moderna, que, longe de exaltar o simbólico, é uma sociedade dominada pela técnica e fundada, como dissemos, peto tríplice princípio fundamental: a eficácia, o rendimento e o progresso. Por seu lado, o futebol integra precisamente os valores desta sociedade, mas numa dimensão maravilhosa, dramática e festiva.

Entretanto, a existência destes laços provoca um risco de perversão do futebol como fenómeno ludodesportivo. Este desporto, por exemplo, vê-se continuamente ameaçado pelas implicações do profissionalismo, numa sociedade de alta concorrência. Além disso, na medida em que a sociedade não consegue gerir um certo número de problemas importantes, o futebol vê-se igualmente ameaçado pela violência física. O holiganismo é disso uma prova irrefutável. Quando uma sociedade consegue regular os seus conflitos sociais, não só no que diz respeito às maiorias, mas também no que se refere aos casos marginais, a violência é mais facilmente afastada e, a nível do futebol, ela será apenas ritualizada. Quando fracções da população não encontram outro meio de se manifestar, a violência ameaça, no momento dos espectáculos desportivos, de se tornar física, revelando assim um desequilíbrio entre a vida quotidiana e a vida festiva. O caso de Heysel foi um exemplo tristemente célebre.

Se perguntarmos o que faz a eficácia social da simbólica do futebol, parece-nos antes de mais nada, que ela depende sobretudo do facto que o futebol funciona essencialmente num meio popular. Por outro lado, o futebol não utiliza muitos registos no seu funcionamento simbólico. A sua linguagem é principalmente baseada sobre o gesto. Ele compromete o homem na sua totalidade, com particular incidência sobre o corpo, sobre o sensível. A linguagem do futebol é simples. A sua simbólica é global. Isto faz a sua força e a sua eficácia sobre as massas populares⁵.

⁵ A. S. COSTA, «Football, spectacle de compétition — Alliance du merveilleux et du dramatique», in *Recherches Sociologiques*, U. C. L., Louvain, Vol. XX, n.º 1, 1989, pp. 41-43.

3. FUNCIONAMENTO SIMBÓLICO DO DESPORTO:
ENTRE A IDEOLOGIA E A UTOPIA

Estamos a tentar ver a situação do fenómeno do desporto moderno dentro da sociedade industrial e sublinhar, em particular, a função lúdica do futebol no imaginário social. Ora o futebol, como facto cultural da sociedade moderna, situa-se no interior duma tentativa nova da sociedade de hoje que, segundo J. J. Wunenburger, se apoia num desafio, «o da fecundação do real pelo imaginário, da ordem do mundo pela utopia»⁶. Mas, para ser uma função vital, o imaginário deve manter-se transcendente à praxis, embora lhe forneça os modelos. O perigo existe quando se pretende identificar completamente as produções do imaginário com os acontecimentos concretos. O futebol não escapa a este perigo que ameaça continuamente o funcionamento do imaginário social do homem dos nossos dias. Entretanto, este desporto pode constituir para o homem moderno um meio de corrigir um possível mau funcionamento do imaginário. Através da mediação mítica, o futebol tem a capacidade de mostrar a importância da função simbólica. O funcionamento da simbólica desportiva ajuda-nos a compreender que um imaginário fecundo, ao mesmo tempo que se distingue da realidade, e uma fonte de modelos exemplares de grande valor prático. Na simbólica do futebol, o homem pode encontrar esquemas explicativos da sua situação no cosmos, dada a presença de símbolos cosmológicos e também do seu papel na sociedade. Além disso, pelos lemas míticos que celebra, pode este desporto oferecer ao homem modelos exemplares da sua luta existencial.

Porém, quando se trata da influência da função lúdica do futebol sobre o imaginário social, é preciso ter em conta que este, como diz P. Ricoeur, «ora opera sob a forma de ideologia, ora sob a forma de utopia»⁷. Isto ajuda-nos a compreender a estrutura essencialmente conflitual do imaginário colectivo.

Através da sua função ideológica, o futebol pode constituir um meio de integração social, de justificação da realidade sócio-política e mesmo de dissimulação das deficiências da sociedade na qual ele funciona. A experiência mostra-nos que o futebol, pela utilização que dele se faz, responde com bastante frequência as estes três níveis do funcionamento da ideologia em geral. Compreendemos isto facilmente

⁶ J. J. WUNENBURGER, *La Fête, le Jeu et le Sacré*, Paris, Ed. J. P. Delarge, 1977, p. 237.

⁷ P. RICOEUR, *Du Texte à l'Action — Essais Hermeneutiques II*, Paris, Seuil, 1986, p. 379.

quando analisamos este desporto como um espelho da sociedade e como uma interpretação da vida social. Este funcionamento de tipo ideológico não é necessariamente negativo. O futebol pode inclusive ajudar uma sociedade a compreender as suas estruturas e a reforçar a sua própria identidade.

Paralelamente a este funcionamento, o futebol exerce uma função de tipo utópico. Como afirma também P. Ricoeur, «se a ideologia preserva e conserva a realidade, a utopia põe-na essencialmente em questão. A utopia neste sentido, é a expressão de todas as potencialidades dum grupo que se encontram recalçadas pela ordem existente»⁸. É assim que o futebol pode ser considerado como a expressão dum sociedade alternativa, como uma interrogação sobre o funcionamento dum dada sociedade, como um certo desvio do real pela construção imaginária dum mundo ideal. Quando a utopia se apresenta como a reivindicação dum realização aqui e agora, de todos os sonhos que a imaginação acumulou através da história, ela quer ser como uma escatologia, em certa medida já realizada.

A acção do futebol sobre o imaginário popular manifesta esta dialéctica entre o funcionamento ideológico e o funcionamento utópico do imaginário colectivo. Embora sendo um espelho da sociedade, o futebol é também, e talvez mais ainda, a expressão deste desejo profundo do homem de qualquer coisa que o ultrapassa e já uma certa realização dum sociedade mais perfeita, mais justa, mais festiva e mais fraterna do que aquela que nós conhecemos.

Realizando-o no imaginário, o futebol permite-nos sonhar com um mundo melhor e vivê-lo já dum certa maneira: jogando ritualmente o combate existencial até à vitória final, o futebol mostra que esta pode constituir a conclusão feliz do destino do homem. Este desporto funciona assim como um sistema simbólico de tipo escatológico. Além disso, na medida em que ele revela que existe sempre uma diferença irreduzível entre o imaginário e o real, entre o ideal e a prática social concreta, o futebol apresenta-se como um símbolo da transcendência, como a manifestação desta atracção do homem para uma realidade que se situa noutra lugar, como uma atracção para o além do humano, para o sagrado.

Estas reflexões mostram-nos que o futebol constitui não somente uma grelha de leitura da sociedade e da sua situação na história, mas também um convite a olhar sempre mais longe, impedindo que o horizonte da expectativa do homem se confunda com o campo da sua experiência. E nisto consiste o fundamento de toda a esperança.

⁸ P. RICOEUR, *Op. cit.*, p. 388.

CONCLUSÃO: DUM MODELO DE ANÁLISE SOCIAL
À TRADUÇÃO DUM IMAGINÁRIO IDEAL

Funcionando desta maneira, o futebol apresenta-se como um desporto ao serviço do homem, como um verdadeiro humanismo. Pelo seu funcionamento no seio da sociedade industrial, o futebol pode servir como ponto de partida para a construção dum modelo analítico completo e significativo da nossa sociedade; pela sua simbólica e pelos temas míticos que actualiza, este desporto pode fornecer ao homem e à própria sociedade um cenário existencial rico em ensinamentos e que funcione como sendo um ponto de apoio no universo de incertezas de que e vítima o mundo moderno.

Celebrando os rituais desportivos, o homem pode tornar-se, de uma certa maneira, contemporâneo das suas origens e viver os fundamentos ontológicos da sua existência e a sociedade pode tentar compreender-se a partir dos dramas cosmológicos e sociais que se situam na base da sua organização inicial. É justamente porque ele nos fala das origens e nos faz viver ritualmente os dramas primordiais, fonte de sentido para os dramas actuais, que o futebol é belo e trágico. Ele revela ao homem e à sociedade que a sua existência continua a ter necessidade de festa, mas que ela será sempre uma experiência dramática, lendo como única saída a vitória ou a derrota. Mas o futebol mostra que a vitória pode estar ao alcance de todos e que o verdadeiro desfecho feliz da existência do homem e da sociedade é a vitória final. Neste caso, mais do que modelo de análise social, o futebol — e isto aplica-se ao desporto em geral — pode ser visto como a tradução dum imaginário colectivo que convida O homem a partir à conquista dum ideal, bem distante da condição presente, mas que um dia será uma realidade. Isto mostra a força misteriosa do futebol e do fenómeno desportivo e também a importância sócio-antropológica desta nova Ciência do Homem, a Ciência do Desporto.

BIBLIOGRAFIA

- BROHM, J. M. *Sociologie Politique du Sport*, Ed. J. P. Delarge, 1976.
- COSTA, A. S. «Football, spectacle de compéition — Alliance du merveilleux et du dramatique» in *Recherches Sociologiques*, U.C.L., Louvain, Vol. XX, n.º 1, 1989.
- GUSDORF, G. «*L'esprit des jeux*», in *Jeux et Sports*, Encyclopédie de la Pléiade, Tours, Gallimard, 1967.
- RICOUER, P. *Du Text à l'Action — Hermeneutiques II*, Paris Seuil, 1986.
- THOMAS, R.; HAUMONT A.; LEVETE, J. L. — *Sociologie du Sport*, Paris, Presses Universitaires de France, 1987.
- WUNENBURGER, J. J. — *La Fête, le Jeu et le Sacré*, Paris, Ed. J. P. Delarge, 1977.